

MONTEIRO LOBATO E O IDEÁRIO ESCOLANOVISTA: UM MODELO DE ESCOLA NO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

MONTEIRO LOBATO AND THE NEW SCHOOL IDEAL: A SCHOOL MODEL
IN THE SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

MONTEIRO LOBATO Y EL IDEARIO DE LA "ESCUELA NUEVA": UN MODELO
DE ESCUELA EN EL SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

Maria Cristina Gomes Machado¹

Laís Pacifico Martineli²

¹*Doutora em Educação pela UNICAMP. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Maringá - PR – Brasil.*

²*Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Maringá - PR – Brasil.*

Resumo: O estudo mostra que, com base na obra literária infantil de Monteiro Lobato (1882-1948), o autor dialogava e compartilhava com os pressupostos teórico-metodológicos do ideário escolanovista. Sua aproximação ficou expressa nos livros de literatura destinados às crianças, produzidos na primeira metade do século XX, momento em que esse movimento ganhou repercussão no país. Fundamentamos essa proposição discorrendo sobre o contato estabelecido por Monteiro Lobato

com os pressupostos teóricos dessa teoria, bem como mostramos em *Serões de Dona Benta*, do ano de 1935, como a prática educativa do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” se apropria dos modelos de educação propostos pela Escola Nova. Observamos que a educação desempenhava importante papel na formação moral e intelectual das crianças brasileiras, devido à necessidade de preparar trabalhadores às indústrias e os cidadãos à República. Para garantia dessa formação era necessário um outro modelo pedagógico. Monteiro Lobato teve contato com a nova corrente pedagógica quando publicou artigos que divulgavam essa corrente na Revista do Brasil, com a leitura de livros de autores renovadores e pela amizade mantida com educadores brasileiros ligados à corrente, como Anísio Teixeira. Notamos que Lobato compartilhava dos ideais da Escola Nova pela leitura de seus livros infantis, ao projetar uma escola em que a criança (personagens) participa ativamente do seu processo de aprendizagem, livre para descobrir seus interesses e aprofundá-los quando desejasse. Assim, caberia à professora (Dona Benta) fornecer os meios necessários para que elas pudessem aprender por meio de brincadeiras, ativando a imaginação. Para tanto, os conteúdos científicos se tornariam essenciais à sua formação, a aprendizagem se iniciava pela experimentação e observação por meio dos cinco sentidos e daquilo que a criança vivenciava no seu dia a dia, nesse processo o material escolar tornava-se uma ferramenta imprescindível para a aprendizagem.

Palavras-chave: Literatura infantil; Monteiro Lobato; Escola Nova

Abstract: This study shows that, based on the children's work by Monteiro Lobato's (1882-1948), the author dialogued

and shared in the theoretical-methodological premises of the New School ideal. His approach was expressed in works of literature written for children, produced in the first half of the Twentieth Century, when this movement began to spread around the country. We provide the basis for this proposition by discoursing on the contact established by Monteiro Lobato with the theoretical assumptions of this theory, and show, in *Serões de Dona Benta* from 1935, how the educational practice of "Sítio do Pica-Pau Amarelo" made use of the educational models proposed by the New School. We observe that education played an important role in the moral and intellectual formation of Brazilian children, due to the need to prepare workers for industries and citizens for the Republic. To ensure this formation, another pedagogical model was necessary. Monteiro Lobato had contact with the new pedagogical stream of thought, when he published articles that revealed this stream in the magazine *Revista do Brasil*, with the reading of books by renovative authors, and through the friendship he maintained with Brazilian educators connected to the stream of thought, such as Anísio Teixeira. We note that Lobato shared the ideas of the New School through the reading of his children's books. He projected a school in which the child (his infant characters) actively took part in their learning process, and were free to discover their interests, and deepen them when desired. In this scenario, it would be the role of the teacher (Dona Benta) to provide the necessary means for the children to learn through games and imagination. Thus, scientific contents would become essential to the child's training; learning would be initiated by experimentation and observation, using the five senses, and the children's experiences in their day-to-day lives, and in this process, the school would become an indispensable tool for learning.

Keywords: Children's literature; Monteiro Lobato; New School

Resumen: La investigación, basada en textos de literatura infantil de Monteiro Lobato (1882-1948), muestra que este autor dialoga y estuvo de acuerdo con los supuestos teóricos y metodológicos de las ideas de la Escuela Nueva. Su enfoque quedó expresado en libros de literatura para niños escritos en la primera mitad del siglo XX, cuando este movimiento ganó repercusión en Brasil. Basamos esta proposición discurrendo sobre el contacto establecido por Monteiro Lobato con los supuestos teóricos de esta teoría. También mostramos en el texto "Serões de Dona Benta" de 1935 que la práctica educativa del "Sítio do Pica-Pau Amarelo" ya se apropiaba de los modelos de educación propuestos por la Escuela Nueva. Observamos que la educación juega un papel importante en la formación moral e intelectual de los niños brasileños debido a la necesidad de preparar a los trabajadores para las industrias y a los ciudadanos para la República. Para garantizar esta formación se necesitaba otro modelo pedagógico. Monteiro Lobato tuvo contacto con la nueva corriente pedagógica cuando publicó artículos acerca de esta corriente en la "Revista do Brasil", con la lectura de autores renovadores de libros y por la amistad que mantiene con los educadores brasileños conectados a esta línea de pensamiento, tales como Anísio Teixeira. Observamos que Lobato comparte los ideales de la Escuela Nueva a través de la lectura de sus libros para niños al proyectar una escuela en la que los niños (personajes) participan activamente en el proceso de aprendizaje y son libres para descubrir y profundizar sus intereses cuando así lo desean. De esta manera, es tarea de la maestra (Dona Benta) proporcionar los medios

necessarios para que puedan aprender a través del juego y la imaginación. Por lo tanto, el contenido científico se vuelve esencial para su formación, el aprendizaje se inicia por la experimentación y la observación a través de los cinco sentidos y lo que el niño vivencia en su vida diaria. En este proceso los útiles escolares se convierten en una herramienta esencial para el aprendizaje.

Palabras clave: Literatura infantil; Monteiro Lobato; Escuela Nueva.

INTRODUÇÃO

O estudo tem como objetivo aproximar a obra literária infantil do autor Monteiro Lobato (1882-1948) aos pressupostos teóricos e metodológicos do modelo pedagógico escolanovista, a fim de mostrar que o autor dialogava e compartilhava do projeto de modernização do país por meio da educação na década de 1920 e que esses ideais ficaram expressos em seus livros de literatura destinados às crianças.

Para tanto, iniciamos com alguns recortes históricos da transição do século XIX para o XX, que culminaram em mudanças significativas no país e na instauração da Escola Nova como modelo pedagógico predominante. Em seguida, abordamos os momentos em que Monteiro Lobato se aproximou da corrente teórica escolanovista. Por fim, amarramos com os pressupostos pedagógicos dessa corrente e indicamos elementos que demonstrem qual foi sua apreensão desse ideário pedagógico pela análise do livro infantil *Serões de Dona Benta*, do ano de 1937¹.

O ideário da Escola Nova ganhou força e repercussão no Brasil a partir da década de 1920 e foi nesse período que Lobato iniciou e intensificou sua publicação de livros de literatura infantil. Seus livros infantis mostram, em diversas situações, um posicionamento do autor acerca de qual modelo pedagógico seria o mais adequado para a educação das crianças brasileiras. No entanto, a análise de sua literatura isoladamente, isto é, sem o apoio do contexto histórico, não permite que seja estabelecida uma relação entre sua literatura e o ideário

pedagógico com o qual possa ter dialogado. Portanto, é imprescindível que o estudo dos textos infantis de Lobato seja realizado com base no entendimento dos condicionantes históricos e educacionais em que é situado.

Além de ser considerado autor de literatura infantil renomado, Monteiro Lobato analisou a educação brasileira, quando ilustrou um projeto de escola e de educação na obra *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Segundo Lajolo (2000, p. 60), a literatura infantil de Monteiro Lobato é um “projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil”. A estudiosa de Lobato pressupõe, portanto, que ele arquitetou um projeto pedagógico ou um modelo de educação que julgava mais adequado para o Brasil. Apesar de não ter escrito um livro específico de educação, sua “escola no Sítio” revela um Monteiro Lobato que pensava criticamente a educação. Assim, é pela análise da literatura infantil de Monteiro Lobato que abordamos, nesse estudo, recortes do projeto educativo proposto por Lobato por intermédio de narrativas literárias. Elegemos, especialmente, *Serões de Dona Benta* (1986), por tratar-se de um livro em que Monteiro Lobato posiciona suas personagens infantis como alunos e dona Benta como professora, transformando o Sítio em uma escola.

Além dos livros, a vida e os pensamentos de Monteiro Lobato podem ser desvelados pela leitura das cartas enviadas durante toda sua vida. Desde que se mudou para a cidade de São Paulo aos treze anos de idade, no ano de 1895, para estudar, Monteiro Lobato escrevia cartas para os mais diversos destinatários. As cartas escritas pelo autor eram íntimas e, ao escrevê-las, não tinha pretensão de que fossem lidas por alguém que não fosse seu destinatário. Nelas, Lobato derrama impressões sobre variados assuntos, sejam “[...] obras lidas, os planos literários, as ideias que lhe ocorrem, a propósito disso ou daquilo, e muitas vezes sem propósito algum”. (CAVALHEIRO, 1962, p. 107). Por isso são tão ricas e não há melhor e mais confiável fonte, visto que exprimem seu real pensamento sobre os fatos que o vivenciava.

Por esse motivo Lobato sentia-se desconfortável ao torná-las públicas: “É horrível isso de pôr em jornais cartas íntimas. Dá-me a sensação de ser posto em ceroulas diante do público esculhambador”. (VIANA; FRAIZ, 1986, p. 39). A exposição de suas cartas era, para ele, como ficar sem roupa: expunha o que lhe era mais íntimo e secreto. No entanto, longe de queremos “esculhambar” o autor, buscamos nas cartas a compreensão de sua concepção de educação, de ensino e

de criança e se ele compactuava com os ideais da Escola Nova. Selecionamos as cartas encontradas no livro e *Conversa entre amigos – correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato* (1986), dos autores Aurélio Vianna e Priscila Fraiz, no qual utilizamos como fonte nesse texto.

MONTEIRO LOBATO E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA NOVA

Nesse tópico explicitamos, inicialmente, os condicionantes históricos da transição do século XIX para o XX e as suas repercussões no cenário educacional, cuja principal consequência foi a instauração da Escola Nova no Brasil. Em seguida, citamos dois momentos em que Monteiro Lobato teve contato com o paradigma escolanovista. Lobato foi um homem que vivia intensamente os conflitos e as demandas de seu tempo. Estava sempre atualizado e debatia as questões que estavam na “ordem do dia”. A Escola Nova agitou o debate sobre a educação no país, mormente nas décadas de 1920 e 1930 e, por isso, o escritor não ficou de fora das discussões que envolviam esse movimento.

Os estudos de Lemme (2005) e Machado (2009) colaboraram na compreensão do contexto histórico que culminou a instauração da Escola Nova no país. É necessário, portanto, nos transportamos aos momentos finais do século XIX, que coincidiam com o fim de Brasil Imperial e a proclamação de um novo regime político, o Republicano, pois ocorreram nesse período muitos acontecimentos que tangenciaram a educação abrindo fendas para um novo modelo. Além da mudança do regime político, ocorreu no Brasil o primeiro surto industrial e o estabelecimento de uma política imigratória, a abolição da escravidão no Brasil e a organização de um trabalho livre.

Segundo Machado (2009), a economia do país era agrária e o café era o produto mais cultivado e exportado pelo país. A industrialização dava seus primeiros passos no país, seguindo uma mudança mundial no capitalismo. Além disso, nesse contexto, o Brasil foi impedido de receber produtos industrializados que, desde os anos iniciais do século XIX, recebia da Inglaterra em troca de café. O Brasil precisava fortalecer e desenvolver sua indústria.

Com abolição da escravidão (1888) e sem nenhum tipo de mão de obra especializada, essas indústrias em desenvolvimento necessitavam substituir a mão de obra escrava pelo trabalho do imigrante estrangeiro, que se dirigia

ao Brasil após a guerra em busca de melhores condições de vida. Os escravos tinham baixo nível de educação formalizada e não poderiam atuar nas indústrias. Sendo assim,

[...] era preciso, com urgência, conseguir trabalhadores assalariados, que ofereciam menor risco de perda que o capital investido no escravo. Para a expansão do processo de industrialização, urgia acelerar a libertação dos escravos e facilitar assim a vinda de imigrantes. Vemos assim um dos pontos em comum entre o grupo cafeicultor, que necessitava de braços, e o grupo de industriais, que necessitavam dinamizar um mercado interno. (PESSAMÍLIO, 1978, p.15).

A industrialização implicava “[...] diversas transformações econômicas e sociais, como o incremento do trabalho assalariado, o aumento da população urbana, o incentivo à imigração, a divisão do trabalho e, conseqüentemente, a formação de novas camadas sociais”. (MACHADO, 2009, p. 105). Assim, ao fomentar e facilitar a entrada de imigrante no Brasil, tivemos um surto imigratório e os estrangeiros que chegaram no Brasil ocuparam o quadro de trabalhadores assalariados do país. Os novos trabalhadores brasileiros eram “[...] portadores de uma educação mais aprimorada, elementar, profissional, e mesmo de nível secundário” (LEMME, 2005, p. 166), além de terem maior nível profissional e de educação formal. Assim, pressionavam por uma melhoria na qualidade de ensino, que se mostrava precária.

No entanto, muito mais que a pressão dessa nova classe trabalhadora, a educação passou a ganhar papel de destaque, no sentido de promover o desenvolvimento das indústrias. A economia promovia o desenvolvimento industrial e isso só era possível pela educação. A nova crença que se difundia era que ela prepararia o homem para essa nova forma de produção. A industrialização exigia:

[...] a utilização de novos maquinários, o desenvolvimento das estradas de ferro, do telégrafo, do correio, enfim, o incremento dos transportes e meios de comunicação. Contudo, para promover transformações mais amplas que preparassem o trabalhador nacional para as novas relações de trabalho, apresentava-se a educação do indivíduo. Esta transmitiria a cultura necessária à expansão do capitalismo e à integração do Brasil ao mercado globalizado que vinha se evidenciando desde o final do século XIX, em uma fase da sociedade burguesa dominada por Lênin (1987) Imperialismo. (MACHADO, 2009, p. 106).

Além de preparar o indivíduo para a sua atuação na indústria, a instituição da República exigia da população o voto. A educação era vista como aquela que prepararia o povo para esse novo regime e para a formação do cidadão. Portanto, ela foi atribuída como ferramenta de formação do povo para o exercício da cidadania, com o voto, e do homem especializado para a nova forma de produção

que entraria em ascensão no país. Nesse período, houve a necessidade de um “[...] modelo educacional condizente com uma sociedade moderna e civilizada”. (MACHADO, 2009, p. 106).

Tendo em vista esse contexto, Anísio Teixeira (1968) defendia a universalização do ensino a todos as classes, pois era uma necessidade do período:

[...] a escola não mais poderia ser a instituição segregada e especializada de preparo de intelectuais ou “escolásticos”, mas deveria transformar-se na agência de educação dos trabalhadores comuns, dos trabalhadores qualificados, dos trabalhadores especializados em técnicas de toda ordem e dos trabalhadores da ciência nos seus aspectos de pesquisa, teoria e tecnologia. (TEIXEIRA, 1968, p. 17).

Todos esses episódios tiveram consequências a partir dos anos 1920, quando houve o início de um período de reformas educacionais estaduais², que se justificavam por inúmeros motivos: “[...] pretendiam acompanhar as discussões teóricas e as inovações práticas realizadas na educação europeias e norte-americanas” (VIDAL, 2000, p. 512), ou seja, um conjunto de ideias oriundas da Europa que “[...] pregavam a renovação de métodos e processos de ensino” (LEMME, 2005, p. 167), chamado *Escola Nova*; para Nagle (2001, p. 45), as “[...] frequentes reformas deixam entrever o objetivo de democratizar a cultura, pela ampliação dos quadros escolares”.

Os ideais e as diretrizes da Escola Nova foram expressos no documento *O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova: reconstrução educacional no Brasil. Ao povo e ao Governo*, publicado em 1932. Esse Manifesto se constitui como uma proposta de reconstrução educacional no Brasil. Ele foi assinado por educadores, como Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto A. de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, entre outros, e dividido em tópicos³ que mostram o movimento da renovação educacional, suas diretrizes, as reformas, as finalidades da educação e os valores mutáveis e permanentes. Tratava-se, portanto, de um documento diretivo, que foi um marco na introdução da corrente pedagógica escolanovista no país.

Monteiro Lobato começou a produzir seus livros infantis na década em que a Escola Nova estava se fortalecendo, por meio das reformas estaduais e pela publicação de estudos que buscavam divulgar e disseminar seus ideais. Discorreremos sobre dois momentos em que o autor teve contato com o paradigma renovador da educação, mas consideramos que outros momentos existiram na consolidação do processo de reforma educacional brasileira:

o primeiro foi no contato com artigos educacionais de autores vinculados à Escola Nova quando era editor-chefe da *Revista do Brasil* a partir do ano de 1918; o segundo foi em sua relação de amizade com Anísio Teixeira, um dos precursores da Escola Nova no Brasil, difusor da teoria de John Dewey e signatário do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Acreditamos que, após conhecer a Escola Nova, Lobato empregou seus ideais educacionais para pensar e projetar seu modelo de escola, ensino e educação presente em seus livros infantis nos moldes dessa corrente.

Para elucidar esses dois momentos, empregamos basicamente duas fontes essenciais. A tese de Tâmara Costa e Silva Abreu (2009), em especial o primeiro capítulo, nos mostra o trabalho realizado por Lobato na *Revista do Brasil*, mormente a partir do momento em que se torna proprietário, em 1918, e o comprometimento do autor em divulgar uma literatura educacional especializada de vertente escolanovistas, além de mencionar a relação de Lobato com educadores da Escola Nova.

As cartas de Monteiro Lobato e Anísio Teixeira foram compiladas por Aurélio Viana e Priscila Fraiz, no livro *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato* (1986). Segundo Abreu (2009), esses documentos nos mostram a afinidade de ideias que tanto os aproximou e a relação de amizade que foi se consolidando ao longo do tempo. Extraímos das cartas de Lobato e Anísio Teixeira, portanto, a percepção de Lobato acerca dos pressupostos escolanovistas de educação e o seu posicionamento sobre essa corrente.

Na direção da *Revista do Brasil* a partir de 1918, Lobato transformou o periódico, que tinha nome de peso no país por tratar de assuntos propriamente brasileiros, em uma das mais importantes e desenvolvidas casas editoriais. Abreu (2009) analisou os exemplares da revista e evidenciou que, sob o comando de Lobato, eram recorrentes os estudos sobre a educação nacional, sobre pedagogia, psicologia, higiene, escola pública e artigos de importantes educadores vinculados a corrente escolanovista, como Sampaio Dória, Carneiro Leão e Fernando de Azevedo. A *Revista do Brasil* tornou-se um dos veículos da imprensa geral que mais auxiliou na difusão do movimento e, segundo Abreu (2009, p. 62) “[...] se inscreve no movimento de ideias que renovaram a escola do século XX na medida em que traz artigos e notícias que circulavam nos impressos da comunidade pedagógica para discutir essas questões”.

Assim, ao tornar-se proprietário em 1918, os primeiros textos publicados são sobre a defesa da educação nacional, o que, segundo Abreu (2009), confirma a importância da educação nas aspirações nacionalistas da Primeira República. Lobato defendia a necessidade de voltar os olhos às questões e aos problemas brasileiros, dentre eles, a instrução pública brasileira que era uma causa a ser enfrentada. As publicações de autores ligados à corrente demonstram o interesse em publicar artigos ligados ao movimento de renovação educacional e de divulgar seus ideais.

No ano de 1919, encontramos publicados na *Revista do Brasil* textos sobre psicologia pedagógica e da psiquiatria, isto é, ramos da ciência que passaram a posicionar a criança como o centro dos estudos, que foram incorporados pela Escola Nova. Nesse mesmo ano, Lobato divide a diretoria da Revista com Lourenço Filho, envolvendo mais educadores engajados ao projeto de renovação da educação nacional.

Consideramos, ainda, que Lobato compartilhava dos ideais escolanovistas e, por isso, divulgava seus pressupostos e estudos em sua casa editora por concordar com seus pressupostos. Por consentir, quando diretor e proprietário, a publicação de artigos e textos vinculados à corrente escolanovista nos dá indícios de que o autor simpatizava com o movimento.

As discussões veiculadas pela *Revista da Brasil* propiciaram o estreitamento da relação entre Lobato e Fernando de Azevedo que renderam importantes frutos para a educação brasileira. Por intermédio de Monteiro Lobato, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo se tornaram amigos e educadores que lutaram em prol da renovação do ensino no Brasil. No ano de 1927, Lobato viajou com sua família para Nova York para assumir o posto de Adido Comercial do Brasil. Em terras norte-americanas, conheceu Teixeira, que tinha o cargo de diretor da Instrução Pública da Bahia. Na amizade com Anísio Teixeira, Lobato aprofundou-se nos conhecimentos acerca da educação escolanovista.

Na primeira viagem em que Anísio Teixeira pisou em solo norte-americano, no ano de 1927, o educador tomou contato com a nova perspectiva de organização escolar adotada pelos norte-americanos. Ele se aprofundou nos estudos da educação dos Estados Unidos no ano seguinte, em 1928, quando conhece a obra de John Dewey, cujo pensamento filosófico foi propagado posteriormente no Brasil.

A formação com Dewey marcou fortemente a formação de Anísio Teixeira e lhe deram as bases teórico-filosóficas para a construção de um projeto de reforma para a educação brasileira. Segundo Souza e Martineli (2009, p. 163), o “pensamento filosófico de John Dewey é um dos responsáveis pelo desencadeamento na educação do movimento de renovação das ideias e das práticas pedagógicas conhecido como Escola Nova”. No *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, assinado por Teixeira, encontra-se, expresso a sua influência filosófica, “[...] o ideal deweyano de organizar a escola como representação da sociedade. Dewey, não é a única influência do “Manifesto”, porém, suas ideias são decisivas na elaboração do documento. (SOUZA; MARTINELI, 2009, p. 163).

No que diz respeito à posição de Lobato frente aos pressupostos da *Escola Nova*, encontramos nas cartas indícios que comprovam que Lobato compartilhava do pensamento de Anísio Teixeira acerca da educação. Na primeira carta, do dia 22 de junho de 1928, Monteiro Lobato relata que recebeu um livro publicado por Anísio Teixeira. Viana e Fraiz (1986) explicam que Lobato se referia ao livro *Instrução Pública no estado da Bahia*, publicado em 1928. Esse livro foi o segundo publicado por Anísio Teixeira e nele esclarece sua nova concepção e orientação filosófica de educação apreendidos em sua formação deweyana nos Estados Unidos. Na carta, Lobato se entusiasma:

Meu caro Anísio

Recebi o seu livro e estou a lê-lo com o interesse e simpatia que me causam os trabalhos “pensados”. Que penetração, que visão segura do problema! Poucas vezes tenho encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante. [...]

Mande um exemplar ao Alarico Silveira, secretário da Presidência, e outro a Fernando de Azevedo, diretor da Instrução do Rio. A eles escreverei recomendando que leiam religiosamente o seu trabalho e tenho a certeza de que de dois pelo menos você será entendido. Um grande abraço de parabéns. (VIANA; FRAIZ, 1986, p. 31).

Lobato elogiou as ideias de Anísio Teixeira e sua visão sobre o problema da instrução pública. Por isso, pensa a possibilidade de divulgar as ideias de Anísio Teixeira aos dirigentes da educação brasileira. Dá o primeiro passo na tentativa de pôr em prática os pressupostos de Teixeira, quando recomenda que Teixeira envie um exemplar do seu livro para Alarico Silveira e Fernando de Azevedo, que ocupavam cargos importantes no quadro político e educacional, indicativo de que Lobato almejava a divulgação do livro de Anísio Teixeira para educadores brasileiros renomados, para introduzir suas ideias no grupo de dirigentes da educação do país (ABREU, 2009).

No ano do envio da carta supracitada, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo não se conheciam, pois Anísio Teixeira era um educador em formação e Fernando de Azevedo acabara de ser convidado por Lourenço Filho para lecionar sociologia na Escola Normal de São Paulo (SAVIANI, 2008) e era diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, ou seja, era um educador renomado. Lobato fez o grande papel de apresentar os dois educadores. A ocasião da apresentação de Anísio e Fernando aconteceu em 1929, quando Anísio Teixeira retorna ao Brasil portando uma carta de apresentação redigida por Monteiro Lobato, cujo destinatário era Fernando de Azevedo:

Fernando: Ao receberes esta, pára! Bota pra fora qualquer senador que esteja aporrinhando. Solta o pessoal da sala e atende o apresentado, pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o melhor coração que já encontrei nesses últimos anos da minha vida. O Anísio viu, sentiu e compreendeu a América e ele te dirá o que realmente significa esse fenômeno novo no mundo. Ouve-o, adora-o como todos que o conhecemos o adoramos e torna-te amigo dele como nos tornamos eu e você. Bem sabe que há uma certa irmandade do mundo, em que os irmãos, quando se encontram, reconhecem-se. Adeus. Estou escrevendo a galope, a bordo do navio que vai levando uma grande coisa para o Brasil: o Anísio lapidado pela América.

Lobato (VIDAL, 2000a, p. 161).

Após receber a carta, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira estreitaram relações, resultando, segundo Abreu (2009), na participação dos educadores no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* em 1932, os quais introduziram Anísio Teixeira definitivamente no grupo dos líderes da nova educação brasileira. Por mais de quatro décadas, eles mantiveram constante relacionamento expresso em cartas (SAVIANI, 2008)⁴. Em 1929, quando Teixeira já fazia parte do “grupo dos chefes” da educação brasileira, conheceu Lourenço Filho. Aqui, a “trindade cardinalícia do movimento da Escola Nova” (SAVIANI, 2008) estava formada.

Pouco tempo após a publicação do Manifesto, Lobato escreveu a carta mais conhecida à Anísio Teixeira, do qual extraímos seu posicionamento acerca do movimento da Escola Nova no Brasil. Como revelado pelo próprio Lobato, o documento chegou em suas mãos por meio de seu amigo Fernando de Azevedo: “Imagine que ontem o Fernando deu-me aquele volume do manifesto ao povo e ao governo sobre a educação” (VIANA; FRAIZ, 1986, p. 68). Em um domingo chuvoso, consagrou o dia a leitura do documento e comentou:

Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar – quem sabe está nalgum livro do Anísio o que não acho aqui – e lembrei-me de um livro sobre a educação progressiva que me mandaste e que

se extraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. E cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatricks. (VIANA; FRAIZ, 1986, p. 68).

Pela carta, notamos que o documento escrito por Fernando de Azevedo não se alinhava com o pensamento de Lobato. No entanto, foi no livro de Anísio Teixeira *Educação progressiva, uma introdução a filosofia da educação*, publicado por Teixeira em 1932, que teve o título alterado a partir da quinta edição para *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola* que Lobato encontrou vínculos com o modelo de educação norte-americano.

Nesse livro, Anísio Teixeira mostra-se “[...] declaradamente filiado ao pensamento pedagógico de John Dewey” (SAVIANI, 2008, p. 228). Pelas palavras do Monteiro Lobato, acreditamos que ele considerava que o livro melhor expressava o movimento da Escola Nova, por ter como base os pressupostos de Dewey, isto é, norte-americanos. Quando morou por quatro anos nos Estados Unidos, Lobato constatou como a educação norte-americana era desenvolvida e segundo Galiani (2009), ao apresentar a trajetória profissional de Dewey, mostra que ele exerceu enorme influência para o desenvolvimento das questões teórico-educacionais dos Estados Unidos. Essa constatação se confirma quando Lobato escreve que:

Eureca! Eureca! Você é o líder, Anísio! Você é que há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores. Acho que antes de reformarem qualquer coisa ou proporem reformas “os mais adiantados e ilustres” dos líderes educacionais do momento o que devem fazer é reformarem-se a si próprios, isto é, aposentarem-se e saírem do caminho.

Eles não entendem a vida, Anísio. Eles não conhecem, senão de nomes, aqueles píncaros (Dewey & Co.) por cima dos quais você andou e donde pôde descortinar a verdade moderna. Só você, que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode, neste país, falar de educação (VIANA; FRAIZ, 1986, p. 68).

A partir desse excerto da carta, Lobato considera que Anísio Teixeira deveria ser o líder do movimento, por enxergá-lo como capacitado para organizar o plano educacional brasileiro e promover uma reforma do ensino brasileiro, tendo como base da proposta de educação nos moldes norte-americanos. A admiração de Lobato por Anísio Teixeira, por sua concepção educacional escolanovista, está refletida nos livros da saga do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, pois

o autor organiza uma escola no Sítio que muito se assemelha com essa nova organização pedagógica.

A PRÁTICA EDUCATIVA NO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

O modelo de escola elaborado por Monteiro Lobato no *Sítio do Pica-Pau Amarelo* corresponde, pelos aspectos metodológicos, ao paradigma da Escola Nova de educação. Esse paradigma agitou as discussões acerca da educação, e acerca do papel e da configuração da escola brasileira a partir da década de 1920, de acordo com Vidal (2000).

Em síntese, a autora esclarece que o discurso promovido pela Escola Nova era o da renovação do ensino e da alteração no modelo tradicional de ensino, especialmente nas práticas e nos saberes escolares. No entanto, tratava-se de uma apropriação e ressignificação dos métodos e matérias do ensino tradicional. Se, no método do modelo tradicional de ensino, “[...] pautava-se na aprendizagem com base na memória e na repetição e consistia em uma abordagem dedutiva do saber: ir do simples ao complexo ou do geral para o abstrato” (SOUZA, 2006, p. 42), o paradigma escolanovista se pautava no método intuitivo que, “[...] ao contrário, pressupunha uma abordagem indutiva, pela qual se deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato.” (SOUZA, 2006, p. 42).

O método intuitivo, segundo Souza (2006), surgiu na Alemanha e tem Pestalozzi como seu principal representante. Foi amplamente difundido nos países europeus a partir da segunda metade do século XIX, momento em que se tornou tendência norteadora do ensino, inclusive no Brasil, anos mais tarde. Valorizava-se, nesse método, a intuição como fundamento principal para a aquisição do conhecimento, isto é, a utilização dos cinco sentidos e da observação para a construção da aprendizagem pela própria criança.

As principais mudanças na educação anunciados pelos educadores renovadores apareciam nos discursos educacionais desde o final do século XIX no Brasil, como:

[...] a centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno. (VIDAL, 2000, p. 497)

Essas mudanças voltaram a ser anunciadas na década de 1920, mas com novo significado. Nesse momento, pretendiam a incorporação de toda a população infantil e, por meio da disseminação de valores e normas sociais, buscavam atender aos apelos e às novas demandas da sociedade moderna que se caracterizava, por exemplo, pelo trabalho produtivo e eficiente, pela velocidade das transformações, pela interiorização de normas de comportamentos otimizados em termos de tempos e movimentos e pela individualização. A industrialização exigia o preparo do trabalho para sua atuação profissional e a educação foi novamente acionada, não mais para preparar a elite, mas como aquela que transmitiria a todo trabalhador os conhecimentos científicos e, mormente, os conhecimentos sobre a natureza para a máxima exploração dos recursos naturais em prol do capital.

Tendo em vista esse contexto, Vidal (2000) esclarece que a base da construção do conhecimento infantil era o trabalho individual e eficiente. A escola deveria oferecer ao aluno situações em que ele elaborasse seu próprio saber por meio da observação e pela experimentação, isto é, pelo ver e fazer. Sobrepunha-se, nessa nova configuração escolar, a aprendizagem ao ensino, e o aluno, que outrora posicionava-se passivamente no processo de ensino, assumia o centro do processo de aprendizagem.

Vidal (2000) exemplifica as alterações que ocorreram na educação mencionando o destaque atribuído às ciências naturais no projeto de renovação do ensino. Devido à introdução do método intuitivo nas escolas primárias a partir do final do século XIX, ocorreu a valorização do aprendizado por meio dos sentidos, isto é, do concreto para o abstrato, daquilo que se pode obter do mundo que o cerca pelos sentidos. O material escolar assumiu papel primordial para a construção experimental do conhecimento pelo aluno. Esse tipo de ensino ficou conhecido pela "lição das coisas" e era dedicado especialmente para o campo dos estudos da natureza, realizado, por exemplo, por meio de excursões, museus escolares ou pedagógicos, laboratórios e gabinetes de estudos. O professor, como mencionamos, não era mais o transmissor dos conhecimentos, mas o processo de aprendizagem "[...] emergia da relação concreta estabelecida entre o aluno e esses objetos ou fatos, devendo a escola responsabilizar-se por incorporar um amplo conjunto de materiais" (VIDAL, 2000, p. 509).

O fator "interesse infantil" foi amplamente valorizado para o aprendizado da criança. Esse interesse infantil passou a ser levado em consideração, visto

que garantiria a atividade espontânea e o estímulo para o aluno buscar seu próprio conhecimento (MACHADO, 2009). Assim, o projeto de renovação do ensino propunha que o ensino deveria ser pautado pela integração das matérias e ser estimulado por questões de interesse geral dos alunos, partindo de sua realidade mais próxima e para a solução dos problemas da vida prática (VIDAL, 2000, p. 511).

A Escola Nova no Brasil disseminou-se, mais fortemente, a partir da década de 1920 e 1930, quando os educadores brasileiros buscavam acompanhar as discussões e as inovações disseminadas nos países europeus e nos Estados Unidos. Monteiro Lobato viveu, como mencionamos, esse processo e seus livros exemplificam como deveria ser uma escola cujo paradigma norteador é o escolanovista. Seu projeto estava tão de acordo com os pressupostos desse paradigma, que o próprio Anísio Teixeira o aprovou:

Dentro de meses saem os seus novos livros⁵, os de ciência... E o mundo sem fantasma que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, trabalho que me entenece a inteligência muito mais que você possa imaginar. Quando o vejo, a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha dorsal ao nosso invertibrado Brasil econômico, e com os seus livros arejar a inteligência do meninão brasileiro que vai se erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As ideias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se há de afinal construir a "componente nova" de Euclides. (VIANA; FRAIZ, 1986, p. 83).

Anísio Teixeira declarou-se, nessa carta, impactado com os livros infantis de Monteiro Lobato, em especial pela forma como o autor aborda os conteúdos científicos. Aqui menciona especialmente o livro *Serões de Dona Benta*, livro em que Lobato apresenta, por meio de Dona Benta, conceitos científicos relacionados à natureza às crianças do Sítio e às crianças brasileiras. Nele, Lobato simula uma escola, em que Dona Benta é a professora e as crianças, seus alunos.

Serões de Dona Benta, publicado no ano de 1937, se enquadra na fase denominada por Abreu como a *fase pedagógica*, pois os livros abordam conteúdos científicos e ficcionais. O autor acreditava na viabilidade de seus leitores aprenderem conteúdos científicos importantes lendo uma história divertida e carregada de imaginação. Lobato levava em consideração a criança fora do livro (que lia) e a criança de dentro do livro (seus personagens infantis fictícios). Às crianças leitoras, ofereceu livros que ao mesmo tempo ensinavam e divertiam. As personagens infantis eram a representação do como era uma

criança para Monteiro Lobato e como o ensino deveria ser organizado para que ela realmente aprendesse. Por isso, pela leitura de sua obra infantil, compreendemos a concepção de infância e de educação desse autor.

A somatória da educação e do entretenimento é uma das características dos livros infantis inaugurada por Lobato. O autor levantou questões acerca dos problemas nacionais, questões culturais, políticas, econômicas, de língua, história e geografia, ou seja, apresentou noções de cultura geral e temas curriculares das ciências humanas, exatas e naturais concomitante às suas histórias fictícias, veiculando pela literatura um novo conceito de infância, como um período ou fase de “descoberta” e de “percepção” do mundo.

Especialmente em *Serões de Dona Benta*, o Sítio de Dona Benta foi transformado em um laboratório, e os alunos (as crianças), tendo Dona Benta como professora, fazem experiências com conteúdos das Ciências Naturais, como física, química e astronomia. Dona Benta abordava os conteúdos científicos de uma maneira muito peculiar, de modo empírico associado ao cotidiano, ou seja, relacionados ao dia a dia das crianças e àquilo que elas podiam observar.

Em todo o livro encontramos exemplos dessa maneira de introduzir os conteúdos por Dona Benta, como no momento em que iniciaram os estudos sobre o ar: “Assim que Pedrinho abriu a janela uma lufada de ar entrou, levando uma folha de papel de cima da mesa. Dona Benta aproveitou-se do incidente para falar do ar” (LOBATO, 1986, p. 15); para abordar o conceito de matéria: “Pedrinho e Emília apareceram. — Puxa! — exclamou o menino ao entrar. — Nunca pensei que aquela pedra pesasse tanto. Eu e Emília pusemos toda a nossa força e a diaba nem gemeu...Dona Benta aproveitou-se do tema” (LOBATO, 1986, p. 63); ou para falar sobre o fogo:

O correio trouxe os jornais da véspera. Vinha uma notícia horrível, o desabamento e incêndio numa escola, com morte de centenas de crianças. O horror causado pela catástrofe foi tamanho que ninguém quis saber de ciência. Passaram o resto da tarde comentando o trágico destino das pobres crianças e o infinito desespero dos pais. No dia seguinte, porém, a palestra científica foi retomada. Tema: o fogo (LOBATO, 1986, 105).

Por estarem ligados à sua realidade, esses acontecimentos no Sítio despertavam o interesse das crianças em determinado assunto e Dona Benta aproveitava esse interesse para aprofundar o conhecimento científico teoricamente. Ela explicou para seus netos como ocorre a origem da ciência, nos dando pistas de como deveria ser o ensino para Monteiro Lobato:

— Que passarinho será aquele? — murmurou, falando consigo mesmo. E saiu disparado para ver.

— Ora aí está como se forma a ciência — disse a boa senhora. — Se o canto fosse de sabiá, Pedrinho não se incomodaria, porque já conhece o sabiá. Mas como não reconheceu o canto, ficou logo assanhado por saber — e foi correndo ao pomar. A curiosidade diante dum fenômeno que não conhecemos é a mãe da ciência.

Logo depois Pedrinho voltou.

— Era uma saíra das raras — a segunda que vejo por aqui — disse ele, e Dona Benta continuou a desenvolver o seu tema:

— Muito bem; sua curiosidade, Pedrinho, fez que você adquirisse um conhecimento novo. Ficou sabendo que esse canto é *duma saíra rara por aqui*. Para chegar a essa conclusão, você teve de observar o fenômeno — de ir *ver*, porque só com o *ouvido* não podia identificar o passarinho". (LOBATO, 1986, p. 12).

Esse excerto do livro mostra o caminho percorrido por Dona Benta para introduzir um conhecimento. Primeiramente, por meio dos sentidos, observamos um fenômeno da natureza. Esse fenômeno está ligado ao cotidiano de quem o observa e, por isso, gera a necessidade ou o interesse de uma explicação pautada na ciência. Por isso, a base do conhecimento científico é a observação, ou seja, a intuição. A construção do conhecimento parte de um fenômeno observado pelos sentidos, por aquilo que é conhecido, para depois buscar o desconhecido ou uma explicação científica para aquele fenômeno.

Monteiro Lobato, ao criar sua saga em um Sítio, evidenciava a realidade rural brasileira, predominante no Brasil do início do século XX, em contraponto aos antigos livros infantis europeus traduzidos que afastavam a criança brasileira de sua cultura. Além disso, o Sítio era um espaço em que os fenômenos da natureza poderiam ser mais bem observados, um espaço em que as crianças eram livres para brincar e buscar seu próprio conhecimento a partir de seu interesse. Era um verdadeiro laboratório de estudos.

O passarinho que cantou no pomar e a pedra que Pedrinho e Emília se esforçaram para levantar são exemplos de trechos do livro que exemplificam a riqueza de fenômenos e materiais presentes no Sítio de Dona Benta. Outros exemplos que aparecem no livro podemos citar: um pano para compreender fenômeno da capilaridade, um cabo de vassoura para aprenderem sobre a alavanca, o pneu de bicicleta para entenderem a pressão do ar e o calor. Além desses recursos presentes no dia a dia das crianças e dos fenômenos naturais que constantemente aconteciam no Sítio, Dona Benta fornecia materiais às crianças,

como jornais e livros, e materiais para experiências dentro de um pequeno laboratório: “Dona Benta mandou vir do seu laboratoriozinho um grande frasco de hidrogênio que ela mesma havia preparado; enfiou na rolha um tubo de vidro por onde o hidrogênio pudesse escapar — e acendeu” (LOBATO, 1986, p. 40).

CONSIDERAÇÕES

O livro *Serões de Dona Benta* mostra a visão de Monteiro Lobato acerca do ideário escolanovista e de sua prática educativa. Lobato estava inserido em um contexto de alterações significativas no sistema capitalista, explicada por Hobsbawn (2011, p. 24) como o “[...] triunfo e a transformação do capitalismo na forma historicamente específica de sociedade burguesa em sua versão liberal” e como a fase de desenvolvimento inicial do mundo industrial moderno. O Brasil buscou adequar-se ao movimento do capitalismo mundial, modificando sua estrutura política (mudança do regime político imperial para o republicano), econômica (fortalecimento da indústria), social (urbanização) e educacional (divulgação e introdução de um novo ideário pedagógico, o escolanovista). A escola destacou-se como a instituição capaz de preparar o cidadão brasileiro a esses novos tempos.

Lobato participou de projetos e organizou campanhas, envolvendo-se em campanhas pelo saneamento básico, pela exploração do petróleo, ou pela criação de livros infantis distintos do que já existiam. O escritor defendia mudanças na realidade brasileira, mormente via educação, transformando o Brasil em um país moderno e desenvolvido.

Especialmente relacionado aos livros infantis, o autor criou personagens crianças com características culturais brasileiras, sem rédeas para fazer e ir aonde quisessem, num cenário que nada se parecia com os europeus: um Sítio cheio de oportunidades; a família era composta por avó, netos, empregados que mais pareciam familiares e figuras imagináveis só por crianças: uma boneca falante, um sabugo de milho gênio, um porco faminto, entre outros; as personagens infantis não frequentavam uma escola tradicional, mas aprendiam tanto quanto ou mais do que as crianças que a frequentavam na “escola” de Dona Benta.

A prática educativa de Dona Benta no Sítio, que foi o foco de análise desse estudo, em diversos pontos se aproxima da prática escolanovista: a criança

participa ativamente do seu processo de aprendizagem, o professor fornecesse os meios necessários para que ela pudesse aprender, a criança livre para descobrir seus interesses e aprofundá-los quando desejasse, os conteúdos científicos tornaram-se essenciais e importantes à sua formação, a aprendizagem se inicia pela experimentação e observação por meio dos cinco sentidos e daquilo que a criança se interessou no seu dia a dia; o material escolar tornou-se importante ferramenta para a aprendizagem.

Serões de Dona Benta não é o único livro infantil escrito pelo autor em que esses elementos podem ser observados. *Geografia de Dona Benta* (1935) e *História do Mundo para as crianças* (1933) são apenas dois outros exemplos em que os pressupostos da Escola Nova se fazem presente. Nesse sentido, acreditamos que Monteiro Lobato se apoiou nos pressupostos teórico-metodológicos da Escola Nova para criar seu modelo de escola.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. C. e S. **O livro para crianças em tempos de Escola Nova**: Monteiro Lobato & Paul Faucher. Instituto de Estudos da Linguagem. Tese de Doutorado. UNICAMP. 2009.
- BIGNOTTO, C. C. **Personagens Infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato**: convergências e divergências. Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária. Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. UNICAMP, 1999.
- CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato – vida e obra**. Vol. 2, São Paulo: Brasiliense, 1962.
- GALIANI, C. **Educação e democracia em John Dewey**. Maringá, Eduem, 2009.
- HOBSBAWN, E. J. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LAJOLO, M. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.
- LEMME, P. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 86, n. 212, p. 163-178, jan./abr. 2005.
- LOBATO, M. **Serões de Dona Benta**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.
- MACHADO, M. C. G. **Manifesto dos Pioneiros da educação nova (1932) e a construção do sistema Nacional de ensino no Brasil**. Maringá. Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.
- NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DPA, 2001.

PESSAMÍLIO, H. M. R. A dinâmica social do café. In.: MINISTÉRIO da Indústria e do Comércio. **O café no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Café, 1978.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUZA, R. A. de; MARTINELI, T. A. P. Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 160-162, set.2009 - ISSN: 1676-2584

SOUZA, R. F. Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil. In.: ALMEIDA J. S de; SAVIANI, D.; SOUZA, R. F de; VALDEMARIN, V. **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. ps. 35-83.

TEIXEIRA, A. Pequena introdução a filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

VIANNA, A.; FRAIZ, P. **Conversa entre amigos** – correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc, 1986.

VIDAL, D. G. Escola Nova e o processo educativo. In.: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L, M.; VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 606 p.

VIDAL, D. G. **Na batalha da Educação**: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971). Bragança Paulista: EDUSF. 2000a.

Artigo recebido em: 05/04/2016

Aprovado em: 30/06/2016

Endereço para correspondência:

Maria Cristina Gomes Machado. Av. Colombo, nº 5790, Bloco I12, Maringá, PR, CEP: 87020-900. E-mail: mcg.uem@gmail.com

Laís Pacifico Martineli. Av. Colombo, nº 5790, Bloco I12, Maringá, PR, CEP: 87020-900. E-mail: lpmartineli@gmail.com

NOTAS

¹ Outros estudos se dedicam a aproximar a obra infantil do autor Monteiro Lobato à Escola Nova. Citamos como exemplos a tese *O livro para crianças em tempo de Escola Nova: Monteiro Lobato e Paul Faucher* (2010), de Tâmara Costa e Silva Abreu, e o estudo de Cilza Bignotto,

na dissertação *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências* (1999), que aponta a influência da Escola Nova nos livros infantis de Monteiro Lobato.

² Embasados por essa corrente pedagógica, inúmeras foram as reformas em vários estados do país, como em São Paulo (1920), com Sampaio Dória, na Bahia (1924), com Anísio Teixeira e, a mais profunda delas, no Distrito Federal, com Fernando de Azevedo. (MACHADO, 2009, p. 107). A Reforma Fernando de Azevedo abriu as portas para a publicação de uma literatura especializada para esse movimento, não somente dos intelectuais brasileiros, mas dos “[...] nomes das mais eminentes figuras de educadores que lideravam esse movimento da chamada *Escola Nova*, em vários países do mundo, e que inspiravam os educadores brasileiros” (LEMME, 2005, p. 169).

³ Paschoal Lemme (2005) registrou uma “análise mesmo superficial do documento” (p. 172), destacando suas orientações e finalidades em tópicos, que nos permitem tem uma visão generalizada e ampla do movimento: 1) Concepção de educação natural e integral do indivíduo, respeitando a personalidade, mas ressaltando que é um ser social e tem deveres com a sociedade. Por isso, é uma educação que sobrepõe-se à luta de classes; 2) Educação como direito de todos dentro do princípio democrático; 3) O Estado deve assegurar o direito da educação, por isso a educação é essencialmente pública; 4) O direito a todos é assegurado se a educação for única, obrigatória, gratuita e para todos os sexos; 5) Política global e nacional, para todos as modalidades de ensino; 6) A organização deve ter como princípio a descentralização administrativa; 7) Os métodos e processos de ensino devem seguir as modernas conquistas das Ciências Sociais, Psicologia e Pedagogia; 8) A educação deve obedecer planos definidos; 9) Os professores devem ser formados para a unidade e serem conscientes da sua responsabilidade, devem receber boa remuneração para manter o desempenho e a eficiência.

⁴ Saviani (2008, p. 216) resume as cartas dos educadores presente no livro organizado por Diana Vidal *Na batalha da educação* (2000a): “[...] as experiências de reformadores do ensino da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo; o ‘Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova’ de 1932; a direção dos Institutos de Educação do Distrito Federal e de São Paulo; a fundação da Universidade do Distrito Federação e da USP; as atividades no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) de São Paulo; os debates em torno da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); impressões sobre o panorama nacional e internacional, além dos episódios familiares”.

⁵ De acordo com Fraiz e Viana (1986), Anísio Teixeira faz menção aos livros *Serões de Dona Benta*, *Histórias de Tia Anastácia* e *O poço do Visconde*, ambos publicados em 1937.